

CARMEN LAFORET

NADA



cavalo de ferro

DUAS RAPARIGAS

por Mario Vargas Llosa

Até ter vindo a Espanha, em 1958, não creio ter lido escritores espanhóis contemporâneos residentes na península, devido a um preconceito tão difuso na América Latina, naqueles anos, quanto injusto: aquele de que tudo o que *ali* se publicava resumava limitação, sacristia e franquismo. Por isso, só agora conheci a delicada e sufocante história de Andrea, a adolescente da província que chega à Barcelona acinzentada dos princípios dos anos 1940, cheia de ilusões, para estudar Letras, que Carmen Laforet relata com uma prosa entre exaltada e glacial, na qual o que se cala é mais importante do que aquilo que se diz e que mantém o leitor submerso numa angústia indescritível, do princípio ao fim do romance. Não há, nesta minuciosa autópsia da alma de uma rapariga encarcerada numa família faminta e meio enlouquecida da Rua de Aribau, a menor alusão política, excepto, quem sabe, muito de passagem, uma referência às igrejas queimadas da Guerra Civil. Porém, não obstante, a política gravita sobre toda a história como um ominoso silêncio, como um cancro que prolifera e carcome e devasta tudo: essa universidade expurgada de vida e de ar fresco, essas famílias burguesas calcificadas pelas boas maneiras e pela putrefacção visceral, esses rapazitos confusos que não sabem o que fazer, para onde voltar o olhar, para escaparem

à rarefeita atmosfera na qual elanguescem de aborrecimento, privações, preconceitos, medos, provincianismo e uma ilimitada confusão.

É admirável a mestria com que, baseada em leves esboços anedóticos e brevíssimas pinceladas descritivas, vai surgindo essa paisagem assombrosamente deprimente, que parece uma conspiração do universo inteiro para frustrar Andrea e a impedir de ser feliz, tal como a quase todos os que a rodeiam. E, apesar disto, há nesta adolescente desvalida um espírito tenaz, inquebrantável, que a impede de se entregar ao desespero e de se vingar da vida má.

No mundo de *Nada* – o superlativo título diz tudo sobre o romance e o lugar em que decorre – só há ricos e pobres e, como em qualquer país do Terceiro Mundo, a classe média é uma delgada membrana que se encolhe e, como a família de Andrea, já tem metade do seu ser fundido nessa misturada popular onde se confundem trabalhadores, pedintes, destituídos, desempregados, marginais, mundo que a espanta e o qual trata de manter à distância, à base de ferozes preconceitos e delirantes fantasias. Não existe nada além desse pequeno mundo larvar que rodeia as personagens; inclusivamente, o pequeno enclave boémio que os jovens pintores construíram no bairro antigo que Andrea, por vezes, frequenta e que queriam ser rebeldes, insolentes e modernos, mas não sabem como, tem algo de caricatura e de campanário.

Porém, é sobretudo no domínio do amor e do sexo que as personagens de *Nada* parecem viver fora da realidade, numa misteriosa galáxia na qual os desejos não existem ou foram reprimidos ou canalizados para actividades de compensação. Se, em quase todos os aspectos da vida, o mundo do romance delata uma moral pacata até ao inumano, que aliena homens e mulheres e os empobrece, no aspecto sexual essa distorção alcança proporções inverosímeis e é, seguramente, em muitos casos, a secreta explicação das neuroses, da amargura,

do desassossego e do desconcerto vital de que são vítimas quase todas as personagens, incluindo Ena, a amiga vivaz e emancipada que Andrea admira e inveja.

Suspeitava essa rapariga de vinte e poucos anos que era Carmen Laforet quando escreveu o seu primeiro romance, que retratava nele de maneira tão implacável quanto lúcida uma sociedade brutalizada pela falta de liberdade, pela censura, pelos preconceitos, pela falsa modéstia e pelo desamparo e que, na história da sua comovedora criatura, Andrea, essa menina ingénua à qual na história «roubam um beijo» e escandalizam, exemplificava um caso de desesperada e heróica resistência à opressão? Talvez não, talvez tudo tenha resultado, como acontece amiúde nos bons romances, por obra da intuição, da adivinhação e da autenticidade com que procurava, ao escrever, atrair uma esquiva e perigosa verdade que só através dos labirintos e símbolos da ficção era passível de ser expressa.

Conseguiu-o e, meio século depois de ter sido publicado, o seu belo e terrível romance continua vivo.

28 de Novembro de 2004

*Aos meus amigos Linka Babecka
de Borrell e pintor Pedro Borrell*

NADA

(Fragmento)

Às vezes um gosto amargo
Um mau odor, uma estranha
Luz, um tom desarmónico,
Um contacto que desagrada,
Como realidades fixas
Os nossos sentidos alcançam
E parecem-nos ser
A verdade insuspeita...

J. R. J.

PRIMEIRA PARTE

I

Por dificuldades em adquirir bilhetes no último momento, cheguei a Barcelona à meia-noite, num comboio diferente daquele que tinha anunciado e não havia ninguém à minha espera.

Era a primeira vez que viajava sozinha, mas não estava assustada; pelo contrário, aquela profunda liberdade na noite parecia-me uma aventura agradável e excitante. O sangue, depois da longa e cansativa viagem, começava a circular nas minhas pernas entumecidas e, com um sorriso de assombro, eu olhava para a grande estação de Francia e os grupos que se formavam entre as pessoas que estavam à espera do expresso e aquelas que, como eu, chegavam com três horas de atraso.

O cheiro especial, o grande rumor das pessoas, as luzes sempre tristes tinham, para mim, um grande encanto já que envolviam todas as minhas impressões na maravilha de ter, por fim, chegado a uma cidade grande, adorada nos meus sonhos porque a desconhecia.

Comecei a seguir – uma gota na corrente – o rumo da massa humana que, carregada de malas, se dirigia para a saída. A minha bagagem era uma grande mala muito pesada – porque estava quase cheia de livros – e eu mesma a transportava, com toda a força da minha juventude e da minha ansiosa expectativa.

Um ar marinho, pesado e fresco, entrou nos meus pulmões com a primeira sensação confusa da cidade: uma massa de casas adormecidas; de estabelecimentos fechados; de can-deeiros como sentinelas bêbedas de solidão. Uma respiração enorme, difícil, chegava com o cochichar da madrugada. Muito próximo, nas minhas costas, diante das ruazinhas misteriosas que conduzem ao Borne, sobre o meu coração excitado, estava o mar.

Eu devia parecer uma estranha figura com o meu aspecto risonho e o meu velho casaco que, sob os impulsos da brisa, me açoitava as pernas, defendendo a minha mala, desconfiada dos obsequiosos *camàlics*¹.

Recordo que, em poucos minutos, fiquei sozinha no grande passeio porque as pessoas corriam para apanharem os escasos táxis ou lutavam para se encaixarem no eléctrico.

Uma daquelas velhas carroças puxadas por cavalos que voltaram a aparecer depois da guerra deteve-se diante de mim e eu tomei-a sem titubear, causando a inveja de um senhor que se lançava, desesperado, no seu encalço, agitando o chapéu.

Nessa noite, corri no desconjuntado veículo pelas amplas ruas vazias e atravessei o coração da cidade, cheio de luz a toda a hora, como eu queria que estivesse, numa viagem que me pareceu curta e que, para mim, estava cheia de beleza.

O carro deu a volta à Praça da Universidade e recordo que o belo edifício me comoveu como uma grave saudação de boas-vindas.

Seguimos pela Rua de Aribau, onde viviam os meus parentes, com os seus plátanos cheios, naquele Outubro, de espessa verdura e o seu silêncio vívido da respiração de mil almas por trás das varandas às escuras. As rodas do carro levantavam um rasto de ruído que se repercutia no meu cérebro.

1 Moço de fretes, em catalão. (*N. dos T.*)

De repente, senti estalar e balançar todo o mastodonte. Depois, ficou imóvel.

— É aqui — disse o cocheiro.

Ergui a cabeça na direcção da casa diante da qual nos encontrávamos. Filas de varandas sucediam-se, iguais no seu ferro escuro, guardando o segredo daquelas casas. Olhei-as e não consegui adivinhar quais seriam aquelas às quais eu assomaria daí em diante. Com a mão um pouco trémula, dei algumas moedas ao porteiro e quando ele fechou o portão por trás de mim, com grande tremor de ferro e de vidros, comecei a subir, muito lentamente, a escada, carregada com a minha mala.

Tudo começava a ser estranho à minha imaginação; os estreitos e gastos degraus de mosaico, iluminados pela luz eléctrica, não cabiam nas minhas recordações.

Diante da porta do apartamento, fui acometida por um súbito temor de despertar aqueles meus parentes, que eram, ao fim e ao cabo, desconhecidos para mim, e estive algum tempo hesitante, antes de iniciar uma tímida chamada à qual ninguém respondeu. As batidas do meu coração começaram a aumentar e premi novamente a campainha. Ouvi uma voz trémula:

«Já vai! Já vai!»

Uns pés que se arrastavam e umas mãos desajeitadas que abriam ferrolhos.

Depois, tudo me pareceu um pesadelo.

O que estava à minha frente era uma antessala iluminada por uma única e débil lâmpada que estava presa a um dos braços do candeeiro, magnífico e sujo de teias de aranha, que pendia do tecto. Um fundo escuro de móveis colocados uns sobre os outros, como nas mudanças. E em primeiro plano, a mancha branca e negra de uma velhinha decrépita, em camisa de noite, com um xaile sobre os ombros. Quis pensar que me enganara no andar, mas aquela infeliz velhinha conservava um sorriso tão doce que tive a certeza de que era a minha avó.

– És tu, Gloria? – disse ela, cochichando.

Neguei com a cabeça, incapaz de falar, mas ela não conseguia ver-me na sombra.

– Entra, entra, minha filha. Que fazes aí? Por Deus! Que a Angustias não se aperceba de que tu voltas a estas horas!

Intrigada, arrastei a mala e fechei a porta atrás de mim. Então a pobre velha começou a balbuciar algo, desconcertada.

– Não me conheces, avó? Sou a Andrea.

– Andrea?

Hesitava. Fazia um esforço por se recordar. Aquilo era lamentável.

– Sim, querida, a tua neta... não consegui chegar esta manhã, como tinha escrito.

A anciã continuava sem perceber grande coisa quando, de uma das portas da antessala, saiu em pijama um tipo descarnado e alto que se encarregou da situação. Era um dos meus tios, Juan. Tinha a cara cheia de concavidades, como uma caveira à luz da única lâmpada do candeeiro.

Enquanto ele me dava umas pancadinhas no ombro e me chamava sobrinha, a avozinha lançou-me os braços ao pescoço com os olhos claros cheios de lágrimas e disse «pobrezinha» muitas vezes...

Havia algo de angustiante em toda aquela cena e, no apartamento, um calor sufocante, como se o ar estivesse parado e podre. Ao erguer os olhos, vi que tinham aparecido várias mulheres espectrais. Quase senti eriçar-se-me a pele ao vislumbrar uma delas, vestida com um traje negro com características de camisa de noite. Tudo, naquela mulher, parecia horrível e desastrado, até a esverdeada dentadura que me sorria. Era seguida por um cão, que bocejava ruidosamente, negro também o animal, como um prolongamento do seu luto. Depois, disseram-me que era a criada, mas nunca outra criatura causou em mim uma impressão mais desagradável.

Por trás do tio Juan, tinha aparecido outra mulher magra e jovem com os cabelos revoltos, acobreados, sobre a afilada cara branca e uma languidez de lençóis pendentes, que aumentava a penosa sensação do conjunto.

Eu estava ainda a sentir a cabeça da avó sobre o meu ombro, apertada pelo seu abraço e todas aquelas figuras me pareciam igualmente alongadas e sombrias. Alongadas, quietas e tristes, como luzes de um velório de aldeia.

– Bom, já chega, mamã, já chega – disse uma voz seca e como que ressentida.

Soube então que havia ainda outra mulher por trás de mim. Senti uma mão sobre o meu ombro e outra em cima do meu queixo. Eu sou alta, mas a minha tia Angustias era-o ainda mais e obrigou-me a olhá-la assim. Manifestou um certo desprezo no seu gesto. Tinha cabelos grisalhos que lhe desciam até aos ombros e uma certa beleza na sua cara escura e estreita.

– Que plantão me obrigaste a fazer esta manhã, filha!... Como é que eu podia imaginar que ias chegar de madrugada?

Soltara o meu queixo e estava à minha frente com toda a altura da sua camisa de noite branca e do seu roupão azul.

– Senhor, Senhor, que transtorno! Uma criatura assim, sozinha...

Ouvi Juan grunhir.

– Lá está a bruxa da Angustias a estragar tudo!

Angustias aparentou não o ouvir.

– Bom, tu deves estar cansada. Antonia – dirigia-se agora para a mulher afundada em preto –, tem de preparar uma cama para a menina.

Eu estava cansada e, aliás, naquele momento, sentia-me horrivelmente suja. Aquelas pessoas a moverem-se ou olhando-me num ambiente que a aglomeração de coisas tornava sombrio pareciam ter-me carregado com todo o calor e fuligem da

viagem de que antes me esquecera. Além disso, desejava ansiosamente respirar um sopro de ar puro.

Observei que a mulher desgredada olhava para mim, sorrindo, estonteada pelo sono e olhava também para a minha mala, com o mesmo sorriso. Obrigou-me a virar o olhar nessa direcção e a minha companheira de viagem pareceu-me um pouco comovente no seu desamparo de provinciana. Parda-centa, atada com cordas, sendo, a meu lado, o centro daquela estranha reunião.

Juan aproximou-se de mim:

– Não conheces a minha mulher, Andrea?

E empurrou pelos ombros a mulher despenteada.

– Chamo-me Gloria – disse ela.

Vi que a avozinha olhava para nós com um sorriso ansioso.

– Bah, bah!... Que é isso de darem um aperto de mão?

Abracem-se, raparigas... Isso, isso!

Gloria sussurrou-me ao ouvido:

– Tens medo?

E, nesse momento, quase o senti porque vi a cara de Juan, que fazia caretas nervosas, mordendo as bochechas. Tentava sorrir.

E de novo a tia Angustias, autoritária:

– Vamos! Para a cama, que é tarde.

– Gostaria de me lavar um pouco – disse.

– Como? Fala mais alto! Lavar-te?

Os olhos abriam-se, assombrados, diante de mim. Os olhos de Angustias e de todos os demais.

– Aqui não há água quente – disse, por fim, Angustias.

– Não importa...

– Atrever-te-ás a tomar um duche a estas horas?

– Sim – disse –, sim.

Que alívio a água gelada sobre o meu corpo! Que alívio estar fora dos olhares daqueles seres originais! Pensei que, ali, a casa de banho nunca devia ser utilizada. No manchado

espelho do lavabo – que luzes macilentas, esverdeadas, havia em toda a casa! – reflectia-se o tecto baixo, pejado de teias de aranha, e o meu próprio corpo, entre os fios brilhantes da água, procurando não tocar naquelas paredes sujas, em bicos de pés sobre a enferrujada banheira de porcelana.

Aquela casa de banho parecia um quarto de bruxas. As paredes tismadas conservavam as marcas de mãos em forma de gancho, de gritos sem esperança. Por toda a parte, as paredes descascadas abriam as suas bocas desdentadas, que gotejavam de humidade. Sobre o espelho, porque não cabia noutra sítio, tinham colocado uma natureza-morta macabra com besugos pálidos e cebolas sobre um fundo negro. A loucura sorria nas torneiras torcidas.

Comecei a ver coisas estranhas, como acontece aos bêbedos. Fechei bruscamente a cortina do chuveiro, o cristalino e protector feitiço, e fiquei sozinha entre a sujidade das coisas.

Não sei como consegui adormecer naquela noite. No quarto que me tinham destinado via-se um grande piano com as teclas descobertas. Numerosas cornucópias – algumas de grande valor – nas paredes. Uma secretária chinesa, quadros, móveis matizados. Pareciam as águas-furtadas de um palácio abandonado, e era, segundo vim a saber, o salão da casa.

Ao centro, como um túmulo funerário rodeado de seres dolentes – aquela dupla fila de cadeirões esventrados –, uma cama turca, coberta por um cobertor negro, onde eu devia dormir. Sobre o piano tinham colocado uma vela, porque o grande candeeiro do tecto não tinha lâmpadas.

Angustias despediu-se de mim, fazendo na minha testa o sinal da cruz, e a avó abraçou-me com ternura. Senti palpitir o seu coração como um animalzinho contra o meu peito.

– Se acordares assustada, chama-me, minha filha – disse, com a sua vozinha trémula.

E depois, num misterioso sussurro ao meu ouvido:

– Eu nunca durmo, filhinha, à noite estou sempre a fazer alguma coisa em casa. Nunca, nunca durmo.

Por fim, partiram, deixando-me com a sombra dos móveis que a luz da vela inchava, enchendo de palpitações e profunda vida. O fedor que se notava em toda a casa chegou, numa rajada mais forte. Era um odor a porcaria de gato. Senti que me afogava e trepei, num perigoso alpinismo, pelo espaldar de um cadeirão, para abrir uma porta que aparecia entre cortinas de veludo e pó. Consegui alcançar o meu objectivo na medida em que os móveis o permitiam, e vi que comunicava com uma dessas galerias abertas que dão tanta luz nas casas barcelonesas. Três estrelas tremiam no suave negrume de cima e, ao vê-las, tive uma súbita vontade de chorar, como se visse velhos amigos bruscamente reencontrados.

Aquele iluminado palpitar das estrelas trouxe até mim, num tropel, toda a minha esperança através de Barcelona, até ao momento de entrar neste ambiente de pessoas e móveis possessos. Tinha medo de me meter naquela cama que parecia um ataúde. Creio que estava a tremer com indefiníveis terrores quando apaguei a vela.

II

Ao amanhecer, a roupa da cama, revolta, estava no chão. Tive frio e puxei-a sobre o meu corpo.

Os primeiros eléctricos começavam a atravessar a cidade e, amortecido pela casa fechada, chegou-me o tilintar de um deles, como naquele Verão dos meus sete anos, aquando da minha última visita aos avós. Tive imediatamente uma percepção nebulosa, mas tão vívida e fresca como se me trouxesse o odor de uma fruta recém-colhida, daquilo que era Barcelona na minha memória: este ruído dos primeiros eléctricos, quando a tia Angustias passava diante da minha caminha improvisada, para correr as persianas que já deixavam passar demasiada luz. Ou à noite, quando o calor não me deixava dormir e os estalidos subiam a encosta da Rua de Aribau, enquanto a brisa trazia o odor a ramos dos plátanos, verdes e empoeirados, sob a varanda aberta. Barcelona era também uns passeios húmidos de rega e muita gente a beber refrescos num café... Tudo o mais, as grandes lojas iluminadas, os automóveis, o bulício e até o próprio passeio do dia anterior desde a estação, que eu acrescentava à minha ideia da cidade, era algo pálido e falso, construído artificialmente como algo que, demasiado trabalhado e manuseado, perde a sua frescura original.

Sem abrir os olhos, senti outra vez uma rajada venturosa e cálida. Estava em Barcelona. Havia acumulado demasiados

sonhos sobre este facto concreto para que aquele primeiro rumor da cidade não me parecesse um milagre, dizendo-me tão claramente que se tratava de uma realidade verdadeira como o meu corpo, como o toque áspero do cobertor sobre a minha bochecha. Parecia-me ter sonhado coisas más, mas agora descansava nesta alegria.

Quando abri os olhos, vi a minha avó, que olhava para mim. Não a velhinha da noite anterior, pequena e consumida, mas uma mulher de cara ovalada sob o pequeno véu de tule de um chapéu à moda do século passado. Sorria muito suavemente, e a seda azul do seu fato tinha uma terna palpitação. Junto dela, na sombra, o meu avô, muito elegante, com a espessa barba castanha e os olhos azuis sob as sobrancelhas rectas.

Nunca os tinha visto juntos naquela época da sua vida e tive curiosidade de saber o nome do artista que assinava os quadros. Eram assim quando chegaram a Barcelona, há cinquenta anos. Havia uma longa e difícil história dos seus amores — já não recordava bem qual... talvez algo relacionado com a perda de uma fortuna. Mas, naquele tempo, o mundo era optimista e eles gostavam muito um do outro. Estrearam este apartamento na Rua de Aribau, que então começava a ganhar forma. Ainda havia muitas moradias e talvez o cheiro a terra trouxesse à minha avó reminiscências de algum jardim de outros lugares. Imaginei-a com esse mesmo fato azul, com o mesmo chapéu gracioso, a entrar pela primeira vez no apartamento vazio, que ainda cheirava a tinta. *Vou gostar de viver aqui* — pensaria ao ver, através dos vidros, o descampado —, *é quase nos arredores da cidade, tão tranquilo!, e esta casa é tão limpa, tão nova...* Porque eles vieram para Barcelona com uma ilusão oposta àquela que me trouxe: o descanso, num trabalho seguro e metódico. A cidade, que me parecia a alavanca da minha vida, foi o seu porto de abrigo.

Aquele apartamento de oito varandas encheu-se de cortinas — rendas, veludos, laços —; os baús despejaram o seu

conteúdo de bagatelas, algumas valiosas. Os cantos foram-se enchendo. As paredes também. Relógios profusamente decorados deram à casa o seu pulsar vital. Um piano – como poderia faltar? – os seus lânguidos ares cubanos ao entardecer.

Embora não fossem muito jovens, tiveram muitos filhos, como nas histórias... Entretanto, a Rua de Aribau crescia. Casas tão altas como aquela e mais altas ainda formaram os espessos e amplos quarteirões. As árvores esticaram os seus ramos e chegou o primeiro eléctrico para lhe conferir a sua peculiaridade. A casa foi envelhecendo, fizeram-lhe obras, mudou de donos e porteiros várias vezes, e eles continuaram, como uma instituição imutável, naquele primeiro andar.

Quando eu era a única neta, passei lá as temporadas mais excitantes da minha infância. A casa já não era tranquila. Ficava encerrada no coração da cidade. Luzes, ruídos, todo o marulhar da vida batia contra aquelas varandas com cortinados de veludo. Dentro de mim, também transbordava; havia demasiada gente. Para mim, aquele bulício era encantador. Todos os tios me compravam guloseimas e me recompensavam pelas partidas que fazia aos outros. Os avós já tinham o cabelo branco, mas ainda eram fortes e riam de todas as minhas graças. Seria possível que tudo isto estivesse tão longe?

Tinha uma sensação de insegurança perante tudo o que ali tinha mudado e esta sensação agudizou-se muito quando tive de pensar em enfrentar todas as personagens que entrevira na noite anterior.

Como serão?, pensava eu. E ficava, ali, na cama, hesitando, sem me atrever a enfrentá-los.

Com a luz do dia, o quarto perdera o seu horror mas não a sua espantosa desarrumação, o seu absoluto abandono. Os retratos dos avós pendiam, tortos e sem moldura, numa parede forrada de papel escuro com manchas de humidade e um raio de sol poeirento subia até eles.

Comprazi-me a pensar que os dois já estavam mortos há anos. Comprazi-me a pensar que a jovem do véu de tule nada tinha que ver com a pequena múmia irreconhecível que me tinha aberto a porta. A verdade, porém, era que ela ainda vivia, embora fosse digna de lástima, entre o amontoado de trastes inúteis que, com o tempo, se tinham vindo a acumular na sua casa.

Haviam passado três anos desde que, com a morte do avô, a família decidira ficar com apenas metade do andar. As velhas tralhas e os móveis inúteis foram uma verdadeira avalanche que os trabalhadores encarregados de entaipar a porta de comunicação amontoaram, sem método, uns em cima dos outros. E a casa permaneceu na desordem provisória por eles deixada.

Vi, em cima do cadeirão a que eu tinha trepado na noite anterior, um gato pelado que lambia as patas ao sol. O bicho parecia em ruínas, como tudo aquilo que o rodeava. Olhou-me com os seus grandes olhos, que pareciam dotados de individualidade própria, como se fossem umas lentes verdes e brilhantes colocadas sobre o pequeno focinho e os bigodes encanecidos. Esfreguei as pálpebras e voltei a observá-lo. Arqueou o dorso e a sua coluna ficou marcada sob o magríssimo corpo. Não pude deixar de pensar que tinha uma singular parecença com as outras personagens da casa; tal como eles, apresentava um aspecto excêntrico e parecia espiritualizado, como que consumido por longos jejuns, pela falta de luz e, talvez, pelas meditações. Sorri-lhe e comecei a vestir-me.

Ao abrir a porta do meu quarto, dei por mim na sombria e pesada antessala para a qual convergiam quase todas as divisões da casa. Em frente, surgia a sala de jantar, com uma varanda aberta ao sol. Tropecei, no caminho para lá, num osso, decerto descarnado pelo cão. Não havia ninguém naquela divisão, com excepção de um papagaio que ruminava coisas suas, quase rindo. Sempre achei que aquele animal era louco. Nos momentos menos oportunos, guinchava de uma forma

aterradora. Havia uma mesa grande sobre a qual estava um açucareiro vazio abandonado. Sobre uma cadeira, um boneco de borracha desbotado.

Eu tinha fome, mas não havia nada comestível que não estivesse pintado nas abundantes naturezas-mortas que cobriam as paredes e estava a observá-las quando a tia Angustias me chamou.

O quarto da minha tia comunicava com a sala de jantar e tinha uma varanda para a rua. Ela estava de costas, sentada diante da pequena secretária. Estaquei, assombrada, ao ver o quarto porque me parecia limpo e em ordem como se fosse um mundo à parte naquela casa. Havia uma cristaleira e um grande crucifixo a entaiparem outra porta, que comunicava com a antessala; ao lado da cabeceira da cama, um telefone.

A tia virava a cabeça para ver o meu assombro com uma certa complacência.

Estivemos algum tempo caladas e eu esbocei, à entrada, um sorriso amistoso.

– Entra, Andrea – disse-me ela. – Senta-te.

Observei que, à luz do dia, Angustias parecia ter inchado, adquirindo volumes e formas sob o seu guarda-pó verde, e sorri interiormente, pensando que a minha imaginação me pregava partidas nas primeiras impressões.

– Minha filha, não sei como te educaram...

(Desde o primeiro momento, Angustias começava a falar como se se preparasse para fazer um discurso.)

Eu abri a boca para lhe responder, mas ela interrompeu-me com um gesto do dedo.

– Já sei que fizeste parte do teu ensino secundário num colégio de freiras e que ficaste lá durante quase toda a guerra. Isso, para mim, é uma garantia. Mas... esses dois anos ao pé da tua prima – a família do teu pai foi sempre muito estranha –, no ambiente de uma aldeia pequena, como terão sido? Não vou negar-te, Andrea, que passei a noite preocupada contigo,

pensando... É muito difícil a tarefa que me veio parar às mãos. A tarefa de cuidar de ti, de te moldar na obediência... Conseguí-lo-ei? Creio que sim. Depende de ti facilitar-mo.

Não me deixava dizer nada e eu engolia as suas palavras com surpresa, sem compreendê-las bem.

– A cidade, minha filha, é um inferno. E em toda a Espanha não há cidade mais parecida com o Inferno do que Barcelona... Estou preocupada por ontem teres vindo sozinha da estação. Podia ter-te acontecido alguma coisa. Aqui, as pessoas vivem amontoadas, cercadas umas pelas outras. Toda a prudência na conduta é pouca, pois o Diabo reveste formas tentadoras... Uma jovem em Barcelona deve ser como uma fortaleza. Entendes-me?

– Não, tia.

Angustias olhou para mim.

– Não és muito inteligente, menina.

Ficámos novamente caladas.

– Vou dizer-to de outra forma: és minha sobrinha; portanto, uma menina de boas famílias, cristã e inocente. Se eu não me ocupasse de ti integralmente, encontrarias imensos perigos em Barcelona. Portanto, quero dizer-te que não te deixarei dar um passo sem a minha autorização. Entendes agora?

– Sim.

– Bom, então passemos a outra questão. Porque é que vieste?

Respondi rapidamente:

– Para estudar.

(Por dentro, todo o meu ser estava agitado pela pergunta.)

– Para estudar Letras, eh?... Sim, recebi uma carta da tua prima Isabel. Bom, eu não me oponho, mas sempre quero que saibas que nos ficarás a dever tudo, a nós, os parentes da tua mãe. E que, graças à nossa caridade, lograrás as tuas aspirações.

– Eu não sei se tu sabes...

– Sim; tens uma pensão de duzentas pesetas por mês que, nos tempos que correm, não chegará nem para metade das tuas despesas... Não recebeste uma bolsa para a universidade?

– Não, mas tenho matrículas gratuitas.

– Isso não é mérito teu, mas da tua orfandade.

Estava novamente confusa, quando Angustias retomou a conversa de uma forma insuspeita.

– Tenho de te advertir de algumas coisas. Se não me magoasse dizer mal dos meus irmãos, dir-te-ia que, a seguir à guerra, ficaram um pouco mal dos nervos... Ambos sofreram muito, minha filha, e com eles sofreu o meu coração... Pagam-me com ingratidões, mas eu perdoo-lhes e rezo a Deus por eles. Todavia, tenho de te pôr em guarda...

Baixou a voz até terminar num sussurro quase terno:

– O teu tio Juan casou com uma mulher nada conveniente. Uma mulher que está a dar cabo da sua vida... Andrea; se eu algum dia descobrisse que tu eras amiga dela, fica sabendo que me darias um grande desgosto, que me deixaria muito triste...

Eu estava sentada em frente a Angustias numa cadeira dura que se ia cravando nas minhas coxas sob a saia. Além disso, estava desesperada porque me dissera que não poderia mexer-me sem a sua vontade. E julgava-a, sem nenhuma compaixão, curta de vistas e autoritária. Fiz tantos juízos errados na minha vida que ainda não sei se este seria verdadeiro. A verdade é que quando se tornou branda para me dizer mal de Gloria, a minha tia me pareceu muito antipática. Creio que pensei que talvez não me fosse desagradável desgostá-la um pouco, e comecei a observá-la de soslaio. Vi que, no conjunto, as suas feições não eram feias e as suas mãos tinham, até, uma grande beleza. Eu tentava encontrar-lhe um pormenor repugnante enquanto ela continuava o seu monólogo de ordens e conselhos e, por fim, quando finalmente me deixou ir, vi os seus dentes de cor suja...

– Dá-me um beijo, Andrea – pedia-me ela, nesse momento.

Rocei o seu cabelo com os meus lábios e corri para a sala de jantar antes que pudesse, por sua vez, prender-me e beijar-me.

Na sala de jantar, já havia gente. Vi imediatamente Gloria que, envolta num velho quimono, dava colheres de uma papa espessa a uma criança pequena. Ao ver-me, cumprimentou-me sorridente.

Sentia-me oprimida, como que sob um céu pesado de tempestade, mas, ao que parecia, não era a única a sentir na garganta o sabor a pó que a tensão nervosa transmite.

Um homem com o cabelo em pé e uma cara agradável e inteligente ocupava-se a olear uma pistola do outro lado da mesa. Eu sabia que era outro dos meus tios: Román. Veio abraçar-me com muito carinho. O cão preto que eu tinha visto na noite anterior, atrás da criada, seguia cada um dos seus passos. Explicou-me que se chamava *Trueno*² e que era seu; os animais pareciam ter por ele um afecto instintivo. Eu própria me sentia atingida por uma onda de agrado perante a sua exuberância afectuosa. Em minha honra, tirou o papagaio da gaiola e fê-lo fazer algumas graças. O animalzinho continuava a murmurar qualquer coisa, como que para si próprio; então, apercebi-me de que eram palavrões. Román ria-se com uma expressão feliz.

– Está muito habituado a ouvi-los, o pobre bicho.

Gloria, entretanto, olhava para nós embevecida, esquecendo a papa do seu filho. Román sofreu uma mudança brusca que me desconcertou.

– Mas tu já viste que estúpida, esta mulher? – disse-me, quase a gritar e sem sequer olhar para ela. – Viste como esta fulana olha para mim?

Eu estava assombrada. Gloria, nervosa, gritou:

2 Trovão. (N. dos T.)

– Não estou nada a olhar para ti, miúdo.

– Já viste isto? – continuava Román a dizer-me. – Agora esse lixo tem o descaramento de falar comigo...

Julguei que o meu tio tinha enlouquecido e olhei, aterrada, para a porta. Juan tinha entrado, ao ouvir as vozes.

– Estás a provocar-me, Román! – gritou.

– Tu, aperta as calças e cala-te! – disse Román, voltando-se para ele.

Juan aproximou-se com a cara contraída e ficaram ambos numa pose, simultaneamente ridícula e sinistra, de galos de combate.

– Bate-me, homem, se te atreves! – disse Román. – Gostava que te atrevesse!

– Bater-te? Matar-te... Devia ter-te matado há muito tempo...

Juan estava fora de si, com as veias da testa inchadas, mas não dava um passo em frente. Tinha os punhos cerrados.

Román olhava-o com tranquilidade e começou a sorrir.

– Aqui tens a minha pistola – disse-lhe.

– Não me provoques. Canalha!... Não me provoques ou...

– Juan – guinchou Gloria. – Vem cá!

O papagaio começou a gritar por cima dela e eu vi-a excitada, sob os despenteados cabelos ruivos. Ninguém lhe prestou atenção. Juan olhou-a por alguns segundos.

– Aqui tens a minha pistola! – dizia Román, e o outro apertava mais os punhos.

Gloria voltou a guinchar:

– Juan! Juan!

– Calate, maldita!

– Vem cá, rapaz! Vem!

– Calate!

A raiva de Juan desviou-se por instantes para a mulher e este começou a insultá-la. Ela também gritava e, por fim, chorou.

Román observava-os, divertido; depois, voltou-se para mim e disse, para me tranquilizar:

— Não te assustes, pequena. Isto acontece todos os dias.

Guardou a arma no bolso. Vi-a reluzir nas suas mãos, negra, cuidadosamente oleada. Román sorria-me e acariciou-me as bochechas; depois, foi-se calmamente embora, enquanto a discussão entre Gloria e Juan se tornava violentíssima. Junto à porta, tropeçou na avozinha, que voltava da sua missa diária e fez-lhe uma festa, ao passar. Ela surgiu na sala de jantar no instante em que a tia Angustias espreitava, também ela aborrecida, para pedir silêncio.

Juan pegou no prato de papa do pequeno e atirou-lho à cabeça. Teve má pontaria e o prato desfez-se contra a porta que a tia Angustias fechara rapidamente. A criança chorava, babando-se.

Juan começou, então, a acalmar-se. A avozinha tirou o manto negro que cobria a sua cabeça, suspirando.

E entrou a criada, para pôr a mesa do pequeno-almoço. Como na noite anterior, esta mulher prendeu a minha atenção. Na sua feia cara havia um esgar desafiador, quase triunfante, e cantarolava provocadoramente enquanto estendia a toalha em mau estado e começava a colocar as chávenas, como se fosse ela a encerrar, dessa forma, a discussão.

Andrea, uma órfã de dezoito anos, chega a Barcelona, vinda da província, para estudar Letras e começar uma vida nova. Hospeda-se na Rua de Aribau, onde a sua família, pobre e enlouquecida, enfrenta os anos cruéis da ocupação franquista. Ao longo de um ano, esta rapariga, com a sua estranha forma de ser, vive a sua «educação sentimental» num submundo psicótico feito de personagens ambíguas e conturbadas, empurrada por um desejo de liberdade que repudia as normas da conduta correcta, ao mesmo tempo que descobre a cidade e o seu próprio caminho para a vida adulta.

Romance belo e terrível que revolucionou a literatura espanhola do pós-guerra e agitou a sociedade da época, *Nada* é a estreia literária de Carmen Laforet. Distinguido com o Prémio Nadal em 1945, é uma das obras mais importantes e inesquecíveis da literatura do século xx.

«Uma obra-prima escrita com admirável mestria, que mantém o leitor submerso numa história da qual não quer sair.»

The Guardian

«[É um] romance de referência da literatura espanhola do século xx. Com uma escrita concisa, moderna, dramática, capaz de, com eficazes, mesmo que breves, pinceladas, compor um quadro de grande realismo e unidade, Carmen Laforet legou-nos uma narrativa que conseguiu sobreviver à passagem do tempo.»

Ana Cristina Leonardo, Expresso



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897879678



9 789897 879678 >